XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

INFORMAÇÃO GÊNERO-SEXUALIDADE: DAS DIMENSÕES EPISTÊMICAS AO USO DO TERMO E SEU CONCEITO

GENDER-SEXUALITY INFORMATION: FROM EPISTEMIC DIMENSIONS TO THE FORMATION OF A CONCEPT

Sérgio Rodrigues de Santana. UFPB.
Maytê Luanna Dias de Melo. UFPB.
Edivanio Duarte de Souza. UFPB.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os corpos e as subjetividades LGBTQIA+ demandam necessidades informacionais distintas e produzem conhecimentos específicos. Nesse sentido, reflete sobre as dimensões epistêmicas que compõem a informação gênero-sexualidade. O trabalho se caracteriza qualitativo, pautado no método compreensivo, descritivo e interpretativo, com abordagem teórica cognitivo-social. Considera que a informação gênero-sexualidade é a interseção informacional das dimensões gênero, sexualidade, étnico-racial e classe econômica.

Palavras-Chave: Epistemologia da informação. Informação Gênero-Sexualidade. LGBTQIA+.

Abstract: LGBTQIA+ bodies and subjectivities demand different informational needs and produce specific knowledge. In this sense, it reflects on the epistemic dimensions that make up the gender-sexuality information. The work is characterized qualitative, based on the comprehensive, descriptive and interpretive method, with a cognitive-social theoretical approach. It considers that gender-sexuality information is the informational intersection of gender, sexuality, ethnic-racial and economic class dimensions.

Keywords: Information epistemology. Gender-Sexuality Information. LGBTQIA+.

1 INTRODUÇÃO

Os conflitos de Stonewall (EUA, 1960) e a primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo (BRASIL, 1996) são alguns dos marcos da visibilidade LGBTQIA+. Com a entrada dos(as) LGBTQIA+ e sujeitos sensíveis(aliados(as)) nas esferas de poder (AQUINO, 2009), a manutenção da visibilidade LGBTQIA+ tem ocorrido, especialmente, a partir da produção e de disseminação da informação gênero-sexualidade (IGS), que se entende como os:

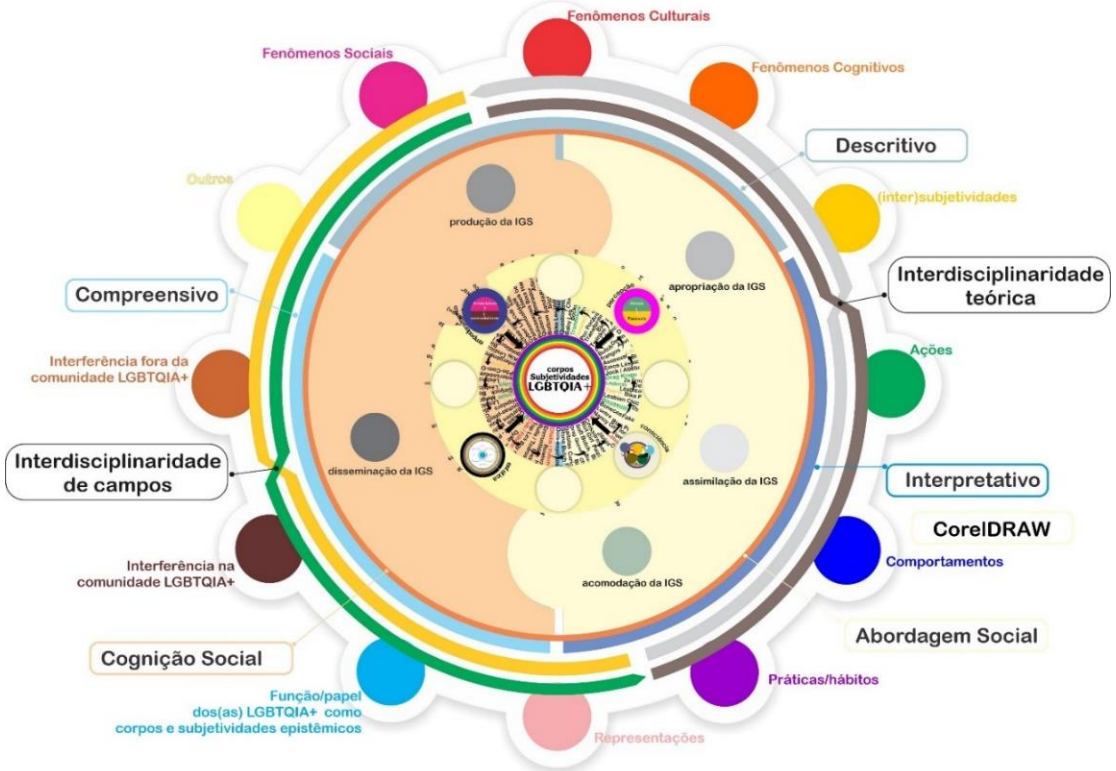
> [...] conteúdos informacionais que promovem o fechamento dos estados anômalos do conhecimento, com o potencial de promover a ressignificação e harmonização dos corpos e psiques quanto à orientação sexual, a identidade sexual e de gênero que se distanciam do binarismo imposto. (SANTANA, MELLO, SILVA, 2020, p. 69).

Essa visibilidade tem ocorrido também na Ciência da Informação, e tem como vetor epistêmico a Responsabilidade Social na visualização dos copos e das subjetividades LGBTQIA+ através da informação gênero-sexualidade. Contudo, como são estruturadas as dimensões epistêmicas que constituem o termo e o conceito da informação gênero-sexualidade neste campo de conhecimento? Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre as dimensões epistêmicas acerca do termo e do conceito de informação gênero-sexualidade, em que a justificativa versa na distinção entre esta e os conceitos de gênero e de sexualidade, argumentando que ela corresponde ao excedente da interseção informacional destas duas dimensões com as dimensões étnico-racial e de classe econômica.

2 METODOLOGIA

O trabalho teve perspectiva qualitativa (Figura 1, esfera branca), em que para Günther (2006) nela se delimita a compreensão de relações complexas, isso aplica à informação gênero-sexualidade (centro da Figura 1).

Figura 1: Sistema metodológico



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Assim se analisa os fenômenos sociais (Figura 1, esfera rosa), culturais (Figura 1, esfera vermelha) e cognitivos (Figura 1, esfera laranja); (inter)subjetividades (Figura 1, esfera amarela), ações (Figura 1, esfera verde), comportamentos (Figura 1, esfera azul), práticas/*hábitos* (Figura 1, esfera roxa) e representações (Figura 1, esfera rosa claro); função e papel dos(as) LGBTQIA+ como corpos e subjetividades epistêmicos (Figura 1, esfera azul claro); a interferência na comunidade LGBTQIA+ (Figura 1, esfera marrom), e fora da comunidade LGBTQIA+ (Figura 1, esfera sépia), o que inclui a ciência.

Adotou-se o método **compreensivo-descritivo-interpretativo** (Figura 1), e para Masini (2004) ela se apresenta como estratégia para novas inclusões do fenômeno, assim se destaca como fenômeno a informação gênero-sexualidade. A extensão **descritiva** (Figura 1, fatia cinza) se refere à definição densa e detalhada dos fenômenos (informação gênero-sexualidade) no seu contexto (Ciência da Informação), ela descreve as essências das dimensões epistêmicas da informação gênero-sexualidade, cognição e Ciência da Informação. A extensão **compreensiva** (Figura 1, fatia azul) foca-se no(a) pesquisador(a) enquanto sujeito compreensivo livre e orientado por meio da reflexão ponderada das dimensões da informação gênero-sexualidade (MENDES JÚNIOR; FERREIRA, 2010). A extensão **interpretativa** (Figura 1, fatia azul claro) conjectura sobre a ação do(a) pesquisador(a) ao sair da noção de mensuração para compreender a realidade e o (inter)discurso acerca da informação gênero-sexualidade.

Quanto à orientação epistêmica interdisciplinar de campos (Figura 1, traço verde e amarelo) e teórica (Figura 1, traço cinza e marrom), observa-se que a primeira versa entre a Ciência da Informação (Figura 1, traço amarelo) e a Psicologia (Figura 1, traço verde) como o foco da problematização da informação gênero-sexualidade. A segunda destaca nos pressupostos da Cognição social (Figura 1, traço cinza), que é a teoria da mente em que se destaca os processos de armazenamento, codificação, processamento e recuperação da informação obtidas no ambiente social (SCHEEFFER, 2013). E Abordagem Social (Figura 1, traço marrom) da Ciência da Informação, considerando a cognição como vetor epistêmico para compreender as condições de produção da informação gênero-sexualidade como conhecimento científico neste campo de conhecimento e os métodos para atingi-lo. A cognição social abarca a heurística das funções mentais quanto às percepções sociais dos

processos de produção e disseminação da informação gênero-sexualidade por sujeitos LGBTQIA+ e não LGBTQIA+, como na assimilação, acomodação e apropriação desse tipo de informação por sujeitos LGBTQIA+.

Para a representação dos dados, sistemas e resultados foi utilizado o *CorelDRAW* (versão 20/2018) (Figura 1, círculo laranja), um *software* produzido pela *Corel Corporation*, pois ele permite a criação de ilustrações epistêmicas que facilita ao(à) leitor(a) ter mais clareza do texto.

3 COMUNIDADE LGBTQIA+ E A BUSCA DA INFORMAÇÃO GÊNERO-SEXUALIDADE

As necessidades informacionais dos sujeitos LGBTQIA+ são diferentes e complexas pelos diversos corpos e subjetividades, visto que a comunidade LGBTQIA+ é constituída por diversos grupos (Ursos, Figura 1), perfis (*Musclebear,* Figura 2) e amplitude espectral, representados na *Folksonomia* na Figura 1.

Figura 2: Grupos, perfis e amplitude espectral LGBTQIA+

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Assim, os estados anômalos dos conhecimentos podem emergir por motivações emancipatórias individuais de um determinado corpo e de subjetividades, como podem emergir também por ações coletivas do contexto social específico (dentro da comunidade LGBTQIA+) como os aspectos do contexto social amplo (fora da comunidade LGBTQIA+) que refletem sobre a individualidade do sujeito LGBTQIA+. Assim, a necessidade e busca da

informação gênero-sexualidade que antecede o acesso da informação podem partir das seguintes condições: 1) necessidade da unificação da comunidade LGBTQIA+; 2) ressignificação das relações de subalternidade que envolve os(as) LGBTQIA+ no âmbito social amplo; significação e compreensão do conceito coerente do corpo e subjetividades LGBTQIA+; vigilância dos Direitos humanos dos(as) LGBTQIA+; construção do empoderamento identitário, enfrentamento e prevenção das problemáticas cotidianas; preservação da memória social, coletiva, institucional e individual LGBTQIA+; promoção da linguagem e da comunicação intergrupal, individual e espectral; orientação de profissionais da informação quanto às práticas da *Folksonomia* instanciada pelo preconceito, descriminação e exclusão; subsidio às oralidades dos(as) profissionais da área da comunicação, cientificas, artísticas e militantes quanto às informações oficiais LGBTQIA+; gerenciamento de informação e conhecimento quanto à inteligência organizacional e institucional LGBTIA+; diminuição do teor ambíguo e ambivalente da Sociedade da Informação marcado pelo interesses conflitante falso altruísmo, ideias capitalistas que permeiam as nuanças da informação refletidas por dos grupos dominantes.

4 AS DIMENSÕES EPISTÊMICAS DA INFORMAÇÃO GÊNERO-SEXUALIDADE

As dimensões que compõem a informação gênero-sexualidade envolvem forças de distanciamentos e estranhamentos e promovem a interseção informacional são caracterizadas por cinco forças que podem ser visualizadas na escala de Allport (1954), que mensura o grau de intolerância na sociedade, seja entre sujeitos LGBTQIA+, mais efetivo entre os sujeitos não LGBTQIA e LGBTQIA+. Gordon Allport (1954) é avaliado como um dos(as) teóricos(as) fundamentais na discussão do preconceito, pois em sua obra "*The nature os prejudice*" ele:

> [...] expõe que estereotipar é fruto da "lei do menor esforço". Dada a complexidade de entendimento de muitas coisas, não raramente preferimos economizar energia desenvolvendo opiniões baseadas em poucas informações ou informações duvidosas. (SCHEEFFER, 2013, p.43).

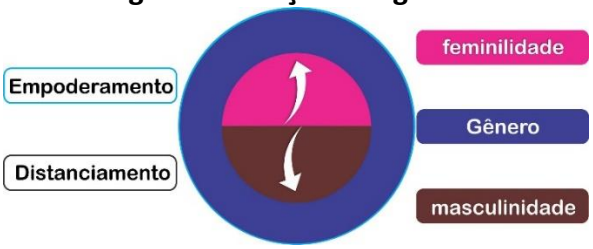
O primeiro nível é a '**antilocução'**, em que o sujeito LGBTQIA+ ou não LGBTQIA+ passa a fazer chistes, estereotipando abertamente o sujeito LGBTQIA+, que a princípio essa incitação ao ódio pode ser figurada como inofensiva. Entretanto, por si só, pode não ser danoso estabelecendo nas entrelinhas de suas articulações as erupções mais sérias quanto

ao preconceito. O segundo é a '**esquiva'**, em que o sujeito não LGBTQIA+ que evita o sujeito LGBTQIA+. Quanto ocorre entre os sujeitos LGBTQIA+, eles passam a evitar os sujeitos LGBTQIA+ de determinados grupos, perfis e espectral LGBTQIA+. A '**esquiva'** se caracteriza como uma agressão psicológica/simbólica pelo o isolamento. O terceiro nível é a '**discriminação'**, em que, sobretudo, o sujeito heterossexual passa a negar oportunidades e serviços ao(à) LGBTQIA+, impedindo que atinja seus objetivos no contexto social amplo. O quarto nível é o '**ataque físico'**, em que, sobretudo, o sujeito heterossexual vandaliza o patrimônio do(a) LGBTQIA+, passando assim a destruir, queimar as propriedades, com também efetiva ataques físicos contra os grupos, perfis e amplitude espectral LGBTQIA+. E, por último, o extermínio, que se compreende o nível em que o sujeito LGBTQIA+ é exterminado, assassinado apenas pela sua condição existencial diferente dos padrões dominantes.

4.1 A dimensão gênero

Santana e Alves (2019) argumentam que no âmbito das realções de gênero há uma força binária que promove o grau das relações sociais e sexuais. Vale destacar que existem muito mais fenômenos entre a feminilidade (parte rosa, Figura 3) e masculinidade (parte marrom, Figura 3). Contudo, de acordo com a Figura 3, a força binária envolve a feminilidade (parte rosa, Figura 3) e a masculinidade (parte marrom, Figura 3) que tendem à promoção do distanciamento operando por **antilocução**, **esquiva** e **discriminação** das percepções dos sujeitos LGBTQIA+.

Figura 3: Relações de gênero



Fonte: Santana e Martins (2019).

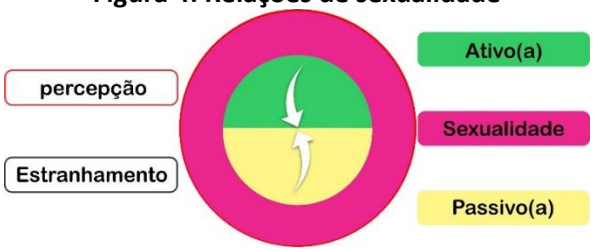
Nestes dois polos, há resquícios da cultura machista operando na comunidade e nos espaços LGBTQIA+ em que essas forças dependem uma da outra para existir. Nestes polos, há forças fóbicas quanto a tudo que se caracteriza demais heteronormativo, mulher deve ser feminina e homem másculo; e homonormativo, gays não podem ser femininos demais e

lésbicas não podem ser masculinas demais. De tal modo, deve-se compreender que essas características não são padrões para diminuir os sujeitos diferentes delas e vice-versa, são percepções e formas de se colocar no mundo que têm a ver com a macro e a microcultura (SANTANA, 2017; SANTANA; ALVES, 2019). Neste fluxo, de acordo coma a Figura 3, na homossexualidade masculina, a masculinidade tem mais força. Quando um sujeito LGBTQIA+ másculo visualiza outro(a) LGBTQIA+ que apresenta feminilidade, há probabilidade de a característica feminina neste sujeito se figurar de forma negativa. Na homossexualidade feminina, a feminilidade tem mais força, assim, quando o LGBTQIA+ feminino visualiza outro sujeito LGBTQIA+ que apresenta masculinidade, há probabilidade de a característica masculina neste sujeito se figurar de forma negativa. Assim, tanto o(a) LGBTQIA+ másculo quanto o sujeito LGBTQIA+ feminino podem demonstrar o preconceito, a discriminação e a exclusão por meio do olhar crítico, a crítica verbal, o chiste e o isolamento, tornando estes(as) LGBTQIA+ invisíveis e inferiores. Contudo, dependo do contexto e do grupo, a masculinidade e a feminilidade podem ser negativas como se essas duas características fossem sinais da negação da homossexualidade (SANTANA, 2017; SANTANA; ALVES, 2019).

4.2 A dimensão sexualidade

Quanto à sexualidade, há também uma força binária que promove o grau das relações sociais e sexuais.

Figura 4: Relações de sexualidade



Fonte: Santana e Alves (2019).

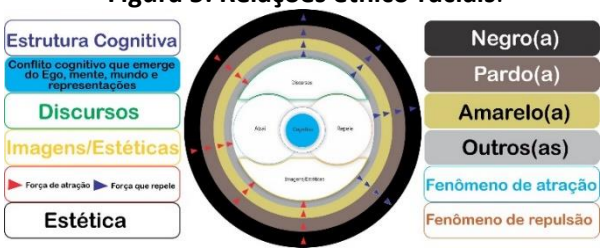
Existem muito mais fenômenos entre a posição sexual ativa e passiva, porém, a força binária ativo(a) (parte verde, Figura 4) e passivo(a) (parte amarela, Figura 4) se destaca e emerge basicamente da dimensão da sexualidade e diz acerca da percepção corporal da performance sexual, e tende ao estranhamento, pois pode haver acordos no que se refere à posição sexual. Assim, essa força binária opera parcialmente por **antilocução**, **esquiva** e **discriminação** (ALLPORT, 1954). Na homossexualidade masculina, diz respeito aos encaixes

anatômicos, e, no caso da homossexualidade feminina, refere-se à atitude. Na homossexualidade masculina, é até aceitável – pelo menos de forma especulativa – que transite entre as duas condições. Mas, se o(a) LGBTQIA+ se declara apenas passivo(a), ele pode sofrer crítica de qualquer LGBTQIA+, resquícios da cultura machista. Curiosamente, na cultura, na comunidade e nos espaços LGBTQIA+, a informação é disseminada pela representação social de que os(as) LGBTQIA+ com características femininas são passivos(as) por apresentar uma estética mais delicada, enquanto os(as) LGBTQIA+ com características masculinas sejam ativos, que retoma a performance sexual na dimensão de gênero. Porém, essa é uma questão sem repostas, pois não há como afirmar como será a performance sexual de um(a) LGBTQIA+ visualizando a estética de gênero (SANTANA, 2017; SANTANA; ALVES, 2019).

4.3 A dimensão étnico-racial

Loureiro (2004) argumenta que há hierarquia das cores, e, muitas vezes, ela reflete negativmente sobre os corpos e as subjetividades LGBTQIA+.

Figura 5: Relações étnico-raciais.



Fonte: Loureiro (2004).

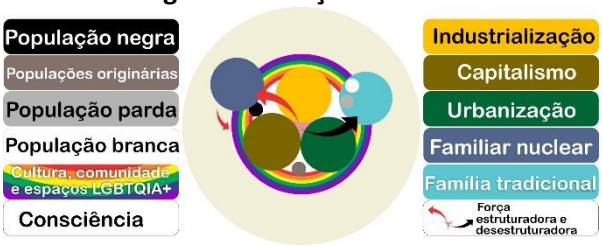
Assim, o distanciamento e o estranhamento entre os corpos e as subjetividades LGBTQIA+ na comunidade e espaços LGBTQIA+ pela hierarquia das cores emergem em todos os níveis da escala de Allport (1954), pela **interlocução**, **esquiva** e a **discriminação**, e, em tese, com mais força pelo nível **ataque físico** e pelo nível **extermínio** (ALLPORT, 1954). Para Loureiro (2004), no âmbito social amplo, no sistema étnico-racial brasileiro (Figura 5), há dois polos que se interagem. O núcleo (circulo branco, Figura 5) representaa o modelo padrão, lugar da branquitude, onde vivem os(as) possuidores(as) dos bens materiais e simbólicos, enquanto no outro polo está o sujeito negro. No núcleo, há um movimento que atrai, outro que repulsa, fazendo a manutenção do *status quo* que privilegia os sujeitos

brancos. Ao mesmo tempo em que a informação é dessiminanda, valorizando o modo de vida branco, ela desvaloriza os aspectos da população negra, fazendo-as inferior e invisibilizada. Assim, a memória social, coletiva e individual, a identidade, os corpos e as subjetividades negros(as) ficam abaladas, potencalizando conflitos cognitivos que emergem do ego, da mente, do mundo e das representações que promovem o distacimento étnico-racial. Contudo, há possibilidade de o sujeito negro chegar ao núcleo, e, para isso, deve se ajustar às condições, deixar a sua própria cultura para, pelo menos, se aproximar do modelo branco. Contudo, quanto mais ele(ela) apresenta características afros e tons mais escuros de melanina, suas chances são reduzidas (LOUREIRO, 2004).

4.4 Dimensão classe/econômica

As problemáticas econômicas enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+ no Brasil têm a ver também com os projetos eurocêntricos de modernização do país. Os reflexos da tríade capitalismo (círculo sépia, Figura 6), urbanização (circulo verde, Figura 6) e industrialização/mercantilização (amarelo, Figura 6) colaboraram para reorganizar os espaços geograficamente, simbólicos e identitários, sobretudo, entre os(as) LGBTQIA+ (MARSIAJ, 2003).

Figura 6 - Relações classes



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

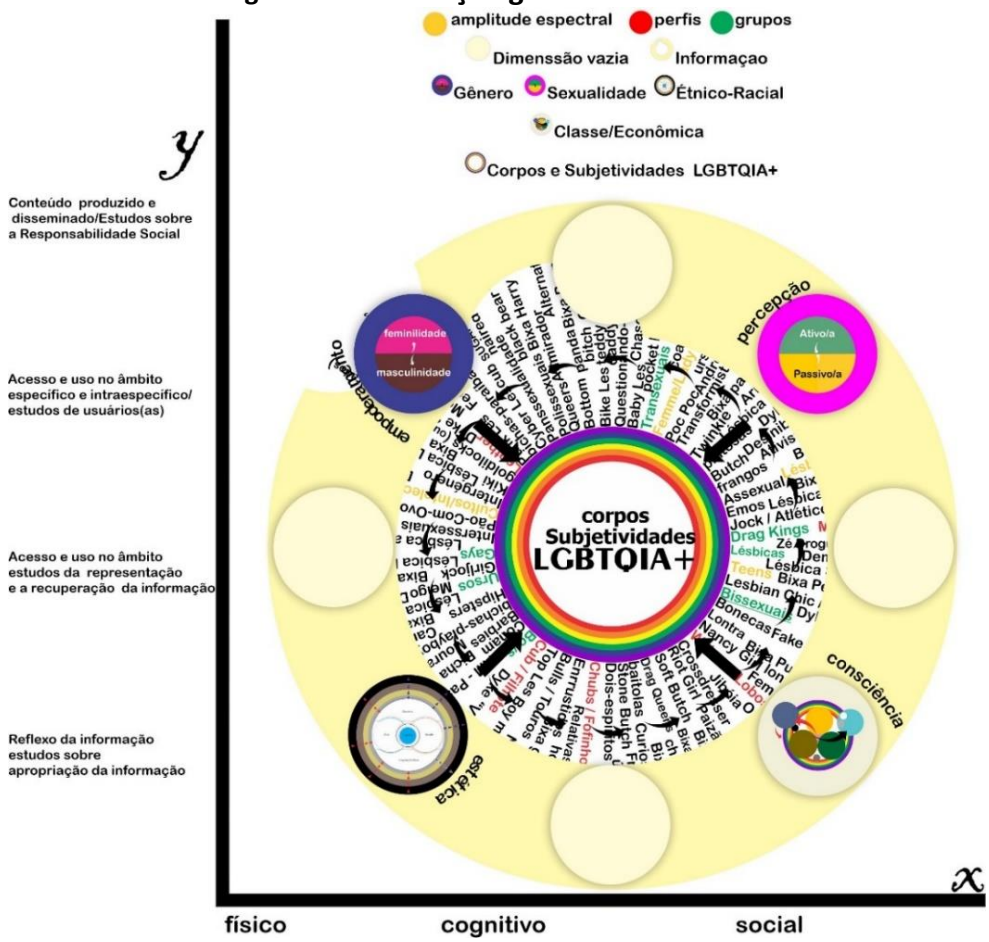
O avanço econômico somente incluiu a polução branca (círculo branco, Figura 6) e a população parda (círculo cinza, Figura 6), pois a população negra e as originárias destoavam do modelo a *priori* família tradicional e a *posteriori* nuclear (MARSIAJ, 2003). O desenvolvimento econômico enfraqueceu o modelo tradicional de base patriarcal (Figura 6, esfera Azul claro), pois seus membros passaram a desenvolver atividades econômicas (MARSIAJ, 2003). Com liberdade e independência financeira, a submissão fora minimizada, os membros tiveram a oportunidade de viver seus projetos de liberdade, o que afetou o modelo de família nuclear (Figura 6, esfera azul escuro) com caraterística patriarcais do

arranjo hierárquico. Assim, a classe econômica mais favorecida interfere no processo de afirmação de identidade LGBTQIA+ de maneira significativa, pois a renda de classes mais baixas é irregular e pequena, tornando muito difícil a independência econômica de um sujeito de sua família. A situação econômica para o sujeito LGBTQIA+ e para sua família depende da permanência dos(as) filhos(as) no âmbito familiar até que eles(elas) se casem e, em vários casos, após o casamento, devido à falta de moradia. A proximidade e o controle da família fazem com que a exploração de atrações e os relacionamentos homoafetivos se tornem muito difíceis (MARSIAJ, 2003). No contexto social amplo, os(as) LGBTQIA+ de classe baixa são aceitos no âmbito familiar, uma vez que eles(elas) também são provedores(as), porém, neste contexto pode haver a **interlocução**, a **esquiva** e a **discriminação** quando os sujeitos LGBTQIA+ ou não percebe que aqueles pertencem à classe econômica desfavorecida. Nada obstante, o ataque **físico** e o **extermínio** são potencializados quando o sujeito é pobre e agrega as facetas da identidade étnico-racial e LGBTQIA+ que contornam a noção de mais vulnerabilidade que pode passar a ser tripla pela classe social (ALLPORT, 1954). Os(as) LGBTQIA+ de classe alta, por outro lado, podem gozar de privilégios, de empoderamento econômico e, consequentemente, de mais passibilidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A adoção do termo ‘informação gênero-sexualidade’ é uma estratégia que visualiza a busca de produtos e serviços específicos, uma vez que há diferenças na busca da informação entre sujeitos LGBTQIA+ e heterossexuais (OLIVEIRA JUNIOR, 2014).

Figura 7 – Informação gênero-sexualidade



Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

A informação gênero-sexualidade é um mecanismo que pode promover a ação dos(as) LGBTQIA+ e respectivos grupos, perfis e amplitude espectral na *práxis* informacional para a construção e a restruturação do mundo cognitivo e/ou grupal (ARAÚJO, 2017). Além de abarca todos os corpos e as subjetividades LGBTQIA+, o uso da terminologia informação gênero-sexualidade evita a utilização de siglas nas nuanças da representação da informação, pois as siglas sofrem constantes alterações pelas relações de poder, interdiscriminação, interpreconceito e interexlusão no epicentro da comunidade LGBTQIA+. Além das questões citadas, o termo é uma junção feita de terminologias cientificas que ajuda afastando o teor confuso das alterações das siglas (KRIEGER, FINATTO, 2004).

A partir das reflexões esquematizadas na Figura 6, se visualiza o eixo horizontal que agrega os três paradigmas de Capurro (2013), físico, cognitivo e social, em que a informação gênero-sexualidade dialoga com as dimensões da informação, informação-como-coisa, informação-como-conhecimento e informação-como-processo de Buckland (1991). Assim,

informação aqui abordada pode ser compreendida como fenômeno tangível, a informação-como-coisa, no âmbito da dimensão física como um objeto informativo ou um documento. A informação gênero-sexualidade pode emergir como um fenômeno perceptível, a informação-como-conhecimento, no âmbito da dimensão cognitiva, que o sujeito se apropria a partir de um objeto informativo ou de um documento um significado simbólico. A informação gênero-sexualidade também é permeada pela noção e ação de '*práxis',* pois ela emerge na forma de informação-como-processo, na dimensão social, capaz de fazer a ressignificação e a intervenção da cultura para atualizar as funções cognitivas.

Quanto aos aspectos do eixo horizontal, que se intersecionam no eixo vertical, é composto pela economia política da informação, os estudos de usuários da informação, a representação e recuperação da informação e as análises dos reflexos da informação. Sua lógica versa na delimitação dos sinais inversos dos padrões dominantes de gênero, sexualidade, étnico-racial e classe/econômica como dimensões da informação gênero-sexualidade que mobiliza o familiar construído nas estruturas cognitivas dos sujeitos LGBTQIA+ como nos sujeitos do contexto social amplo. Isso se refere a minimizar e/ou a descontruir a dissonância cognitiva e/ou fechar os estados anômalos do conhecimento, que pode ter suas bases nos padrões dominantes ou nos valores primitivos, secular e patriarcal. A informação gênero-sexualidade de fácil acesso na comunidade e nos espaços LGBTQIA+, por sua vez, permite as novas construções de significados/simbólicas, assim possibilitando o estabelecimento de novos conhecimentos, de novas tomadas de decisões e de ações alternativas coletivas e individuais.

Assim, como demonstra a Figura 6, a informação gênero-sexualidade é um conjunto de sinais intervenientes (círculo de setas vermelhas), pois uma atua sobre a percepção do corpo e da subjetividade LGBTQIA+, seja pelo próprio sujeito LGBTQIA+ ou pelos sujeitos do contexto social amplo. Ela é, sobretudo, comportada por sinais norteadores (setas amarelas) que reconfiguram de forma positiva as dimensões gênero, sexualidade, etnia-raça e classe/econômica LGBTQIA+ como forças de aproximação e de compreensão social, amplas e específicas, quanto à antilocução, à esquiva, à discriminação, ao ataque físico e ao extermínio da população LGBTQIA+. Com efeito, é através do uso da informação gênero-sexualidade que o sujeito LGBTQIA+ pode reconstruir a consciência da estranheza socialmente construída de seu corpo e de sua subjetividade, mas a partir dela a reconfigurar

como familiar para si, uma vez que os conteúdos marcantes desse tipo de informação versam sobre aspectos positivos dos corpos e das subjetividades não moldados por padrões até então dominantes.

Ainda de acordo com a figura 6, no âmbito da dimensão gênero (círculos azuis, Figura 7), a informação gênero-sexualidade foca os aspectos culturais, históricos e sociais que consideraram os(as) LGBTQIA+ a partir das diferenças dos aspectos biológicos, fisiológicos, reprodução percebidos entre os sexos, no qual a dimensão de gênero a imprescindibilidade é o empoderamento. O mesmo acontece na dimensão da sexualidade (círculos rosas, Figura 7), no qual a informação gênero-sexualidade, por sua vez, refere à compressão das práticas sexuais possíveis, aprendidas, orientadas ou percebidas por um corpo e uma subjetividade LGBTQIA+. Assim, na dimensão gênero da informação gênero-sexualidade a imprescindibilidade é a percepção corporal.

Na dimensão étnico-racial (núcleo de círculos da esquerda constituídos por camadas de cores preta, marrom e mostarda, e núcleo branco, Figura 7), a informação gênero-sexualidade refere-se à compressão sobre a estética epiderme. Todos(as) LGBTQIA+ estão imersos(as) nela, mas os reflexos negativos desta dimensão se incidem, principalmente, sobre grupos de pele negra/preta, parda e amarela como o grupo boys, travestis e uma porcentagem espectral que emergem das camadas populares e, muitas vezes, são configurados(as) como homossexualidades indesejáveis eminentemente inseridos(as) nos contextos dos homicídios. Essa dimensão também compreende o conflito eclipsado mencionado por Santana e Allves (2019), que se refere ao jogo de antagonismo e de protagonismo que parte da discrepância informacional potencializada pelo estado anômalo do conhecimento entravado que fortalece a percepção de si construída com base em representações sociais baseadas em valores primitivos, seculares e patriarcais. Nesta dimensão étnico-racial da informação gênero-sexualidade a imprescindibilidade é a estética.

E a dimensão classe/econômica (núcleo de círculos da direita constituídos por círculos, verde, amarelo e sépia, Figura 6), a informação gênero-sexualidade refere à compressão das relações de poder no espaço social amplo e no mundo LGBTQIA+. Na sua maioria, vinda da periferia, os(as) LGBTQIA+ negros(as) se encontram quase sem referências e dinheiro para se deslocar e conhecer os frutos do mundo LGBTQIA+ rico e glorioso, a não

ser quando é convidado no *status* de objeto sexual. Nesta demissão da informação gênero-sexualidade, a essencialidade é consciência de classe (LIMA; CERQUEIRA, 2019).

Contudo, empregando o pensamento de Bachelard (1996) quanto ao objeto e ao seu conceito, a informação gênero-sexualidade construída finaliza no fluxo cíclico interveniente das dimensões e de suas respectivas imprescindibilidades, o empoderamento, a percepção, a estética e a consciência. Podem emergir novas dimensões com suas respectivas imprescindibilidades como representa os ciclos vazios, pois no conhecimento científico nada permanece estaque, sendo passível de críticas e de reconfigurações epistêmicas. Assim, em prefigurações reflexivas, pode se entender a informação gênero-sexualidade como os conteúdos informacionais oficiais, sobretudo, científicos que promovem os fechamentos dos estados anômalos do conhecimento e envolvem questionamentos e respostas das dimensões gênero, sexualidade, étnico-racial e classe/econômica. Trata-se de questionamento e respostas que promovem a ressignificação cognitiva, mas, sobretudo, a harmonização dos corpos e das subjetividades quanto à orientação sexual e à identidade sexual e de gênero que se distanciam do binarismo imposto.

A informação gênero-sexualidade possibilita a visibilidade e o protagonismo da identidade LGBTQIA+, no âmbito social amplo como a aceitação e a pertença identitária, no âmbito da cultura LGBTQIA+. Trata-se de conteúdos acessados, usados e refletidos cognitivamente pelo sujeito em práticas e ações informacionais de um determinado grupo, perfis e/ou sujeitos situados na amplitude espectral LGBTQIA+, quando são confrontados(as) nas realidades especificas e nas realidades ancoradas em padrões dominantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incluir os(as) LGBTQIA+ através da reponsabilidade social significa caminhar cientificamente. A informação gênero-sexualidade é um mecanismo terminológico que visualiza processos técnico-epistêmicos como a organização, a representação e a disseminação da informação, e que, por consequência, facilita a busca, o acesso e a recuperação da informação pelos sujeitos LGBTQIA+ de forma eficiente e eficaz em bancos de dados, repositórios digitais, unidades de informação, bibliotecas, arquivos e na Internet.

Quando se configura a informação gênero-sexualidade como informação-como-coisa, informação-como-conhecimento e informação-como-processo, delimita-a como mecanismo

libertador social e facilitador de empoderamento, percepção, estética e consciência utilizada pelos(as) LGBTQIA+.

Em última análise, a informação gênero-sexualidade abarca as problemáticas dos marcadores sociais das diferenças de gênero, sexualidade, étnico-racial e classe econômica, através da interseção informacional que produz um excedente no desenho de corpos e de subjetividades dissidentes e que demandam necessidades informacionais distintas, como também produzem conhecimentos específicos que precisam ser visibilizados.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Cambridge, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing, 1954.

AQUINO, M. A. **Memória da ciência**: A (in) visibilidade dos (as) negros (as) na produção do conhecimento da Universidade Federal da Paraíba. (Projeto de Pesquisa) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

ARAÚJO, C. A. A. O que são "práticas informacionais"? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, p. 217-236, 2017. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31084. Acesso em: 04 abr. 2022.

BELKLIN, N. J. Anomalous States for Knowledge as bases for information. **The Canadian Journal of Information Science**, v. 5, p. 133-143, 1980.

BUCKLAND, M.K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science** (JASIS), v.45, n.5, p.351-360, 1991. Disponível em: http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf. Acesso em: 5 nov. 2021.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47. Acesso em: 5 nov. 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2005.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 jun. 2021.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. A. Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. **Revista bagoas**, Natal, 2019. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art13_limacerqueira.pdf. Acesso em: 5 nov. 2021.

LOUREIRO, S. A. G. **Identidade étnica em re-construção**: a ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo, na perspectiva existencial humana. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

MASINI, E.F.S. Enfoque fenomenlógico de pesquisa em educação In: FAZENDA, I. (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARSIAJ, J. P. P. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2511. Acesso em: 5 nov. 2021.

MENDES JÚNIOR, J. N.; FERREIRA, M. C. ANÁLISE COMPREENSIVA: Conceito e método. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2010. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4814. Acesso em: 1 fev. 2022.

OLIVEIRA JUNIOR, T. E. R. **A importância da comunidade LGBT como segmento de interesse da hotelaria.** Orientador: Adonai Telles. 2014. 30f. Artigo (Tecnólogo em Tecnologia em Hotelaria) - Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/1687/1/TCC%20Tomaz%20Edson.pdf. Acesso em: 5 nov. 2021.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, V. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTANA, S. R.; ALVES, E. **Acesso e uso da informação étnico-racial por LGBTQI+ negros (as):** refletindo sobre a identidade eclipsada no contexto universitário. *In:* CONGRESSO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS DO NORDESTE, 2., 2019, João Pessoa. **Anais** [...] João Pessoa: UFPB, 2019. Disponível em: https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1560821831_ARQUIVO_798d0ef1bedeb07aff0e5adf0b3f1ecb.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

SANTANA, S. R.; MELO, M. L. D.; SILVA, M. B. A cena Drag & DJ no contexto da pandemia: lugar de fala, informação e coletividade. *In*: **Lives e olhares livres**: a população LGBTQIA+ no contexto da pandemia da Covid-19, 2020, **Anais**[...]. João Pessoa: UFPB, 2020. Disponível em: https://liveseolhareslivres.wordpress.com/caderno-de-resumos. Acesso em: 16 nov. 2021.

SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar:** os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2003.

SCHEEFFER, F. **Psicologia social**. Indaial: Uniasselvi, 2013.